

# Criando o espaço



# Criando o espaço

Temas em comum, aprendizados e caminhos a seguir para as pessoas envolvidas no desenvolvimento das organizações LGBTI

<b>Edição em inglês:</b>	Tom Johnston
<b>Tradução ao espanhol:</b>	Darinka Mangino y Anabel Gómez
<b>Tradução ao português:</b>	Cláudio Tavares
<b>Desenho:</b>	Luiz DeBarros
<b>Charges:</b>	Auke Herrema

**Citar como: Criando o espaço:** Temas em comum, aprendizados e caminhos a seguir para as pessoas envolvidas no desenvolvimento das organizações LGBTI. Langen, B (ed.), W. Banks, J. Bruinsma, J. Cruz Diez Beltrán, G. Dütting, K. Kraan, W. Muguongo e H.M. Kinyili, Amsterdã/Pretória 2012.



Esta obra é publicada utilizando Creative Commons 3.0.

**É permitido compartilhar (copiar, distribuir e transmitir a obra) e editar (adaptar a obra) este documento de acordo com as seguintes condições:**

- **Reconhecimento** a autoria do trabalho deve ser atribuída na forma em que foi especificada anteriormente (mas não de tal forma que sugira que os autores compartilham a sua opinião ou uso que você faz da obra).
- **Sem fins de lucro** Não pode utilizar esta obra com o intuito de obter lucros.
- **Todos por igual** se alterar, transformar ou criar com base nesta obra, pode distribuir o resultado somente sob esta mesma autorização ou uma autorização semelhante.

**Compreendendo que:**

- **Renúncia** pode-se renunciar a qualquer uma das condições descritas acima no caso de obter a autorização do titular dos direitos autorais da obra.
- **Domínio público** Dado o fato de que a obra ou qualquer um dos seus elementos são do domínio público segundo as leis aplicáveis, esta condição não será atingida de forma alguma por esta licença.
- **Outros direitos** Os direitos relacionados a seguir não serão atingidos em forma alguma pela licença: Os direitos do trato justo ou do uso justo ou outras exceções e limitantes aplicáveis aos direitos autorais; os direitos morais de autor; os direitos que outras pessoas possam ter – sejam sobre a obra em si ou sobre como esta é utilizada – tais como a publicidade ou o direito à privacidade.

Agradeceríamos receber uma cópia ou um aviso sobre qualquer reimpressão ou consulta desta obra. Sua opinião e comentários podem nos ajudar a melhorá-la, já que temos a intenção de avaliar a sua utilidade no futuro. Por favor, envie seus comentários para: [bramlangen@yahoo.com](mailto:bramlangen@yahoo.com).



**Gisela Dütting** é pesquisadora independente e ativista; mora nos Países Baixos. Antropóloga de profissão, especializou-se em movimentos sociais, gênero e justiça econômica; trabalhou com sindicatos, campanhas internacionais, com redes de incidência política e com grupos de mulheres no mundo inteiro. Atualmente, é membro do conselho de administração do Transnational Institute (Instituto Transnacional), membro do conselho de LOVA, Netherlands Association for Gender Studies and Feminist Anthropology (Associação para Estudos de Gênero e Antropologia Feminista dos Países Baixos), e é pesquisadora filiada ao Aletta Institute for Women's History (Instituto Aletta para a História das Mulheres) em Amsterdã. Para enviar os seus comentários a Gisela sobre o artigo ou para contratar os seus serviços, escreva para: [gisela@xs4all.nl](mailto:gisela@xs4all.nl).

# As parcerias e suas dinâmicas:

organizações LGBTI que trabalham juntas  
para obter mudanças palpáveis

## Introdução

No cenário internacional tem aumentado a visibilidade LGBTI; a despeito disto, ainda existem enormes diferenças entre os países, contextos e organizações. Pela primeira vez, os temas LGBTI foram tratados em uma das resoluções do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas; a resolução adotada em junho de 2011 expressou a sua profunda preocupação sobre os atos de violência e discriminação por motivos da orientação sexual e de identidade de gênero. O Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos em Genebra recebeu a instrução para apresentar um relatório sobre a situação das pessoas LGBTI em todo o mundo, mesmo que foi publicado em dezembro do mesmo ano <sup>35</sup>. Estes avanços em nível das Nações Unidas são o resultado dos trabalhos de incidência política realizados por uma multidão de organizações e grupos, na sua maioria organizações LGBTI, que trabalharam incansavelmente em uma variedade de parcerias para obter este resultado do conhecimento público. O âmbito das Nações Unidas é um dos fóruns nos quais as organizações LGBTI trabalharam unidas para obter resultados, com a firme convicção de que unindo forças é possível obter muito mais. Os resultados podem ser identificados em diferentes níveis:

*“Para as pessoas trans o empoderamento apenas começa, e é fundamental para criar parcerias. Começamos com nossos aliados mais próximos, que em nosso caso é o movimento LGBTI. Recentemente, falou-se das mulheres LBT nas Nações Unidas, no marco da CEDAW, e lhes dedicaram uma recomendação <sup>36</sup>. Sinto-me tão cheia de poder”. (Vreer, Red, Transgender Network Netherlands (Rede Transgénero dos Países Baixos), Países Baixos) <sup>37</sup>.*

Em nível internacional, o ativismo LGBTI está crescendo; já tem se registrado um aumento no número, e às vezes na dimensão, das organizações LGBTI, mas nem sempre este crescimento é linear <sup>38</sup>. O objetivo deste artigo é tratar o tema das parcerias com maior nível de detalhe; por que alguns grupos se unem a outros e em que condições decidem fazê-lo; como se criam e conservam as parcerias; quais são as implicações do desenvolvimento organizacional nas organizações LGBTI quando se aliam ou formam coalizões. As referências sobre o tema e as discussões entre os ativistas LGBTI durante o 2011 são a base para este artigo.

A primeira parte deste artigo coloca as estratégias e os temas da atualidade, particularmente aqueles que abordam a relação entre as organizações e o contexto internacional das organizações. A seguinte parte corresponde às diferentes parcerias nas que participam atualmente as organizações LGBTI, sua complexidade e os fatores que as conduziram ao êxito. A última parte está focada nas práticas internas das organizações <sup>39</sup> LGBTI, já que estão relacionadas com a criação de parcerias e são um indicador mais pragmático para os grupos.

35. Veja: [www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=40743](http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=40743).

36. A CEDAW é a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, que contém os direitos adotados pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979. Para meados de 2011, 187 Estados já tinham ratificado ou aderido à Convenção; além disto, um comitê de peritos se reúne duas vezes ao ano para vigiar que os mandatos da Convenção sejam cumpridos.

37. Esta e todas as demais citações sem referência bibliográfica presentes no artigo foram registradas em Amsterdã, Países Baixos, no dia 10 de Outubro de 2011.

38. Ver por ejemplo “Lost decade in Latin America, following the economic crisis there after 1982” en Drucker, Peter, ed. (2000) Different Rainbows. London: Gay Men’s Press, p. 17.

39. Neste texto se usam os termos “organização” e “grupo” para reconhecer aos grupos LGBTI que algumas vezes são formais e outras informais.

## Contextos, estratégias e relações em constante movimento entre as organizações

A maioria das organizações LGBTI conhece a possibilidade de vincular-se, e graças à internet é muito mais fácil achar estas possibilidades e vincular-se, no mínimo com as organizações que têm um perfil público. As organizações LGBTI podem vincular-se com organizações afins, bem como com organizações que não sejam LGBTI, tais como organizações de mulheres, partidos políticos, de direitos humanos, de saúde, além de diversos grupos e sindicatos. As organizações, sejam formais ou informais, tendem a ter uma clara ideia de quais pudessem simpatizar com a sua agenda dentro do país ou no plano internacional. Geralmente, a maioria dos grupos tem ao menos algum tipo de rede de pessoas ou endereços de internet de iniciativas semelhantes que provavelmente seriam solidários. O fato de pensar sistematicamente nas parcerias, sobre o porquê, o como e a efetividade do que, é uma coisa completamente diferente, que requer de uma consideração séria, das estratégias e da capacidade de posicionar ao seu próprio grupo dentro de uma parceria maior para alcançar as metas concretas.

### **Por que trabalhar com outros?**

A ideia geral é que vincular-se com outros oferece vários benefícios que uma organização por si só não poderia alcançar ou, no caso de que pudesse, o faria a uma velocidade muito menor. Para que uma organização LGBTI se comprometa (por única vez ou de maneira permanente) a criar uma parceria com outros dependerá do contexto, dos objetivos, do tamanho, da perspectiva, da capacidade, da necessidade, da experiência e dos recursos. As razões para vincular-se com outros geralmente incluem:

- A capacidade de incidir nos debates e discussões chave: as parcerias e coalizões podem dar forma a debates importantes dentro e fora das coalizões; trabalhar conjuntamente pode trazer como resultado avanços palpáveis nas atividades de promoção.
- Amparo: quanto maior for ou número, maior será força, e formar parte de uma parceria serve tanto para proteger a organização contra os ataques quanto para garantir apoio.
- Maior presença política: contar um status mais alto e com maior visibilidade são consequências positivas de ser parte de uma aliança com outras organizações.
- Melhor acesso e alavancagem: a interação com outros pode ajudar às organizações a ter mais acesso aos meios de comunicação, a aqueles com maior influência política e a um amplo leque de outras organizações e instituições.
- A assimilação e a inclusão de novos temas: os grupos podem aumentar a sua gama de temas ou incluir a mais pessoas em seu campo mediante a interação com outros grupos <sup>40</sup>.

### **Percepção: Quem somos?**

A percepção que outros têm da organização e a percepção que a organização tem dela mesma são elementos fundamentais para a criação de parcerias, e são especialmente relevantes para os grupos LGBTI. Inclusive quando algumas organizações não se identifiquem como LGBTI, as pessoas externas à organização poderiam identificá-las como

40. Dütting, Gisela y Sogge, David (2010) "Building Safety Nets in the Global Politic: NGO collaboration for solidarity and sustainability," em Development, v. 53, n. 3, setembro, pp. 350-355.

tais, e, portanto fazer uma ideia muito diferente da necessidade de construir parcerias, e com quem fazer as mesmas. Além disso, é possível que existam razões estratégicas para conhecer exatamente de quem se trata, inclusive quando em público se apresente um distintivo diferente. Isto coloca imediatamente na mesa o tema da identidade e o distintivo, um tema que geralmente é muito controvertido dentro do movimento LGBTI. A nossa própria percepção de nós mesmos, e a que os outros têm da gente, pode chegar a determinar quais serão os aliados mais próximos. Por exemplo, para as lésbicas, pudessem ser outras organizações LGBTI ou mesmo as organizações de mulheres.

### **Parcerias internas**

LGBTI é uma categoria que inclui a grupos que se identificam, em termos muito amplos, como lésbicos, gay, bissexuais, transexuais, transgênero, intersexuais e queer; além destas identidades modernas, cada país e cada região usa as suas próprias palavras, categorias e práticas históricas.

A despeito de contar com uma ideia fluída sobre identidade e pertença, ainda prevalecem diferenças de poder que podem chegar a gerar atrito entre as organizações e entre as pessoas. Por tradição, os homens gay têm dominado os grupos e as parcerias LGBTI. Devido ao fato de que as parcerias LGBTI estão conformadas por uma amálgama de grupos e de identidades, existe um processo contínuo no qual os grupos e as pessoas reclamam o seu espaço. Isto quer dizer que o dia a dia, e a cultura dentro das organizações e das parcerias LGBTI, encaram desafios constantes. As lésbicas muitas vezes têm questionado a predominância masculina nos grupos LGBTI, e deste modo as gerações jovens em alguns casos tiveram que lutar para que a sua voz fosse ouvida. A população transgênero, cuja chegada às parcerias LGBTI foi tardia, também coloca novos questionamentos e inspira uma nova cultura:

*“Em uma rodada [de apresentações], eu propus que disséssemos os nossos nomes, o nome da organização e os países com os que nos sentíssemos mais identificados, e que especificássemos com que gênero queríamos que se referissem a nós”.*

(Vreer, Red, Transgender Network Netherlands (Rede Transgênero dos Países Baixos), Países Baixos).

Com respeito à situação nas Filipinas, um grupo de pesquisadores fez as seguintes observações:

*“Uma ativista bissexual identificou uma série de questões com o movimento LGBTI, principalmente a invisibilidade dos bissexuais, a falta de reconhecimento da existência de bissexuais e da bissexualidade, a falta de representação dos bissexuais, e a falta de atenção para os temas bissexuais. Em suas palavras: “a B é só uma letra dentro do LGBT”. Do mesmo modo, os ativistas transgênero colocaram uma série de questões sobre o movimento LGBT, tais como a representação errada da identidade transgênero (por exemplo, que se utiliza a “bakla” para referir-se aos homens gay em vez das mulheres transgênero), a insensibilidade para as pessoas transgênero (por exemplo, comparar a mulheres transgênero desta maneira “para ver quem parece mais mulher”), atitudes condescendentes por parte das ativistas lésbicas e gay para as pessoas transgênero e a marginalização dos temas transgênero. Em palavras de um ativista transgênero, a sua problemática é vista como ‘superficial’<sup>41</sup>.*

41. De Vela, Tera e Ofreneo, Mira e Cabrera, Mario (Isis International) (2011) “Surfacing Lesbian, Bisexual Women and Transgendered People’s Issues in the Philippines: Towards Affinity Politics in Feminist Movements,” em Wieringa, Saskia (ed.) Women-Loving-Women in Africa and Asia: Trans/Sign Report of Research Findings, p. 398. <http://www.isiswomen.org/phocadownload/print/isispub/Women-Loving-Women.pdf#page=6.Loving-Women.pdf#page=6>.

Dentro dos grupos LGBTI foi muito questionada a predominância dos homens gay no contexto das relações de poder na sociedade em seu conjunto. Devido ao fato de que há mais disponibilidade de recursos para homens que têm sexo com outros homens (HSH) como parte dos programas HIV/AIDS, as relações de poder e a alocação dos recursos se tornam preocupantes:

*“Um projeto HSH não é apresentado como um projeto LGBTI. Possivelmente tudo seja uma questão de palavras, mas também diz muito sobre o que está ocorrendo. Um projeto de saúde para homens tem um status muito diferente, e as possibilidades de que receba financiamento são bem maiores. É uma luta pela reivindicação das palavras e dos movimentos”.*

(Wanja Muguongo, Diretora Executiva de UHAI a Iniciativa sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos do Leste da África, Quênia).

Este acontecimento tem dado pé para que continue o estigma contra o HSH e se reduza a visibilidade das mulheres que têm sexo com mulheres (MSM). Além disso, isto significa que na percepção das pessoas continua a se associar ao HSH (muitas vezes generalizado a toda a comunidade LGBTI) com HIV e AIDS.<sup>42</sup>

Apesar de que o ideal de um movimento “arco-íris” é muito chamativo, e de que conta com a aceitação geral, a maioria das organizações LGBTI reconhecem a existência de tensões internas e entre as organizações.

*“Colaborar pode ser muito difícil, mas é por muito a melhor maneira de alcançar os nossos objetivos da maneira mais efetiva. A ideia não é ficar alagados nas diferenças, e sim concentrar-nos no trabalho que deve ser feito ‘lá fora’. Algumas vezes isto não é possível”.*

(Dawie Nel, OUT Well-being (OUT Bem-estar), África do Sul).

## **Modelos organizacionais com influência dominante no Ocidente**

O paradigma preponderante na criação de parcerias e movimentos tem uma forte influência dos modelos (teóricos) ocidentais, o que aumenta a influência do Ocidente nas organizações e nas experiências LGBTI. Estes modelos favorecem e destacam que as organizações devem ser formais, realizar atividades intensas de promoção, partir de uma base de direitos e de igualdade legal, o livre mercado dentro de um entorno globalizado e com uma forte presença do estado. Entretanto, o discurso dominante na criação dos movimentos não é o ponto de partida para todas as organizações LGBTI. De fato, muitas organizações LGBTI fora do Ocidente refutam este discurso.<sup>43</sup>

Inclusive em países nos quais foi aplicado o modelo ocidental e nos casos nos quais o trabalho em favor dos direitos LGBTI tem conseguido ganhar muito espaço ainda persistem algumas perguntas fundamentais:

*“Qual é a importância do debate público? É possível obter uma mudança sem um debate público contínuo? Que tão*

42. Agradeço a Colin Dixon, Diretor de Programas, Dance4Life, dos Países Baixos, pela sua observação. 43. Ver varios casos de estudio en Drucker, Peter, ed. (2000) Different Rainbows. London: Gay Men's Press.

43. Veja vários casos de estudio em: Drucker, Peter (ed.) (2000) Different Rainbows, Londres, Gay Men's Press.



*valiosos são os avanços legais quando as mudanças são mínimas na percepção pública sobre as pessoas LGBTI? O que me diz da diferença entre igualdade legal e a igualdade social?"*

*(Jan Bruinsma, Países Baixos).*

O modelo dominante orientado a criar parcerias destaca as experiências tal e como são documentadas pelas ciências sociais e políticas, inclusive o desenvolvimento. Portanto, é possível que não alcance a cobrir a variedade existente nas parcerias. Por exemplo, um modelo extremamente bem-sucedido é o da iniciativa de meninos em idade escolar e estudantes de formar parcerias gay-heterossexuais nas escolas. Desde finais dos anos oitenta, formaram-se mais de três mil parcerias gay-heterossexuais nas escolas e universidades dos Estados Unidos; este modelo foi retomado por estudantes no México, Reino Unido, Canadá, Nova Zelândia e de outros países. Em alguns casos, os estudantes se toparam com a oposição por parte das assembleias escolares, associações de pais de família e de professores, e das comunidades locais, existindo até vários casos que chegaram aos tribunais da justiça. No entanto, este modelo demonstrou que é possível criar um entorno escolar mais seguro e acolhedor para as pessoas LGBTI, e serviu como ferramenta importante para sensibilizar e materializar mudanças significativas nos planos de estudo, na atitude dos professores, etc.<sup>44</sup>

### **Criação de organizações LGBTI em nível internacional**

As organizações LGBTI estão aplicando um modelo que foi provado e tem funcionado em redes e campanhas de promoção em nível internacional. Muitas organizações LGBTI construíram parcerias internacionais reconhecendo que o mundo está entrelaçado, muitas vezes entre elas, além das suas fronteiras, ou com outros movimentos. Não fazem isto para obter resultados no plano internacional, tais como a resolução nas Nações Unidas, mas sim com a clara expectativa de ver mudanças reais nas comunidades locais como resultado da criação de organizações de alcance internacional.

Mas como deveríamos conceber a presença internacional das organizações LGBTI? Existe um movimento internacional, tal e como muitos reivindicam? Podemos pensar os movimentos como sistemas de parcerias? Definir a várias iniciativas como movimentos sociais é um dos temas vigentes no debate acadêmico e sobre este particular há uma grande quantidade de teorias e modelos (ver Quadro 1).

A definição exata dos fatores e das categorias de êxito é outro exercício que aparece continuamente nas pesquisas. Um dos trabalhos mais influentes nesse sentido é o de Keck e Sikkink, dois cientistas sociais que analisaram detalhadamente as redes internacionais, o ato de criar redes e o êxito. Keck e Sikkink<sup>45</sup> fizeram uma comparativa entre os feitos em matéria de direitos humanos, a regulamentação ambiental e os direitos da mulher e estudaram como funcionaram estas parcerias internacionais nestas áreas. Cunharam os termos “redes a partir de uma problemática transnacional” e “rede de promoção transnacional” dois termos que descrevem melhor as práticas internacionais das organizações. As redes a partir de uma problemática transnacional podem estar compostas por um número relativamente pequeno de pessoas e grupos organizados ao redor de uma problemática particular e que compartilham certos valores e ideias. Estas redes têm

44. Veja: [www.glsen.org](http://www.glsen.org).

45. Keck, Margaret e Sikkink (1998) *Activists Beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*, Ithaca, Cornell University Press.

a habilidade dos atores internacionais não tradicionais<sup>46</sup>, de mobilizar informação estratégica para obter a alavancagem com organizações muito mais poderosas e com os governos. Além disso, tentam incidir sobre movimentos sociais muito mais amplos.

Com esta ênfase na informação, Keck e Sikkink dirigiram a sua atenção aos processos de criação de um marco estratégico. No final das contas, tudo se reduz à informação e como é que a mesma vai-se segmentando, apresentando, percebendo e utilizando. Por exemplo, o movimento internacional da mulher conseguiu segmentar o acesso ao aborto seguro e legal junto com os direitos reprodutivos e com os direitos das mulheres, todos estes dentro do marco dos direitos humanos<sup>47</sup>. Com esta estratégia foi possível dar grandes passos, tanto em nível internacional quanto local. Segundo Keck e Sikkink, as redes a partir de uma problemática transnacional funcionam muito melhor com temas que apelam fortemente às emoções e os temas LGBTI definitivamente cumprem com esse requisito.

## Desafios relacionadas com a organização em nível internacional

As organizações LGBTI estão crescendo, seja qual for a definição que a gente fizer delas; seja como movimento

46. Tais como sindicatos ou partidas políticos internacionais que foram pesquisados em profundidade

47. A ordem "os direitos da mulher são direitos humanos (Women's rights are human rights)" cobrou força a princípios dos anos noventa e finalmente mudou o discurso dos direitos humanos, as práticas em alguns países e as oportunidades para cada mulher. Veja o resumo de Charlotte Bunch's em: <http://www.cwgl.rutgers.edu/globalcenter/whr.html>.

48. Dütting, Gisela e Sogge, David (2010) "Building Safety Nets in the Global Politic: NGO collaboration for solidarity and sustainability," em *Development*, v. 53, n. 3, setembro, pp. 350-355.

49. Macdonald, Laura (2005) "Gendering Transnational Social Movement Analysis: Women's Groups Contest Free Trade in the Americas," em Joe Bandy and Jackie Smith (eds.), *Coalitions Across Borders: Transnational Protest and the Neoliberal Order*, Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, pp. 21-42, veja a p. 23.

### Quadro 1: Algumas teorias sobre como compreender os movimentos sociais, os recursos e a criação das organizações

**Não existe uma teoria única ou uma "lei dos movimentos" que regule todos os movimentos sociais que podemos ver em uma passeata. Ao contrário, são as circunstâncias as que dão forma aos movimentos sociais.**

Desde a década de 1970, o trabalho acadêmico girou em torno de três teorias principais. A Teoria dos novos movimentos sociais se foca nas condições que deram pé ao surgimento dos movimentos sociais e explica o "porquê" do seu trabalho. A Teoria da mobilização de recursos trabalha sobre as estratégias e explica o "como" detrás dos movimentos sociais e a sua relação com o estado e com a política. A Teoria construtivista dirige a sua atenção para como a gente constrói conjuntamente a sua vida social e portanto responde à pergunta "quem é que diz?" Na hora de estudar a variedade de movimentos sociais, os investigadores tendem a considerar quatro tipos de fatores que são essenciais para o nascimento, crescimento e perspectiva de todos os movimentos sociais: oportunidades e ameaças políticas, mobilização de estruturas, marcos estratégicos e interação nos casos de controvérsias. Os acadêmicos não chegaram a um acordo sobre a mistura e a sequência destes fatores.

As estruturas das oportunidades políticas geralmente possuem quatro dimensões:

- Espaço e acesso: a relativa abertura ou teimosia das instituições do sistema político.
- Negociações entre as cúpulas: estabilidade ou instabilidade, conflito ou paz.
- A disposição e a posição política dos parceiros, particularmente as elites dos aliados.
- A capacidade repressiva do estado.

Propõem-se três fontes importantes de movimentos sociais: (a) campanhas, (b) repertórios de contenção, tais como parcerias e coalizões com um propósito especial, reuniões públicas, passeatas solenes, coleta de assinaturas, declarações na mídia e perante a mídia e (c) representações WUNC, por sua sigla em inglês, "Worthiness" Valor, "Unity" Unidade, "Numbers" Números e "Commitments" Compromissos.

As organizações nos movimentos sociais podem subir ou cair segundo as suas estratégias de "repertórios coletivos de ação". As três estratégias comuns são:

- Oferta de serviços a um grupo de interesse, sem pressionar por mudanças nas políticas públicas.
- Protesta: enfrentar às cúpulas com meios pouco rotineiros.
- Promoção: enfrentar às cúpulas com os meios rotineiros.<sup>48</sup>

As teorias sobre os movimentos sociais e a criação de organizações para alcançar mudanças mudam constantemente, são pesquisadas e debatidas mais profundamente. Por exemplo, MacDonald destaca a necessidade de introduzir uma compreensão mais feminista nos âmbitos público e privado da composição atual, além de uma melhor análise das maneiras pelas quais as diferenças (de gênero) estruturam as suas ações políticas. As hipóteses liberais individualistas pudessem "estar erradas na análise de algumas das hierarquias sociais apoiadas sobre gênero, raça e classe, que ajudam a criar estas estruturas de oportunidade política e de quadros estratégicos".<sup>49</sup>

ou como redes a partir de uma problemática transnacional em processo de expansão, há espaço para que cresçam as organizações nos níveis local, nacional e internacional. A dinâmica atual pode ser descrita como aquela na qual os ativistas locais que contam com a visibilidade e habilidades (por exemplo: idioma e apresentação) monopolizam os trabalhos de nível internacional, o que traz também maiores oportunidades e mais presença pública, novos contatos, viagens e novos trabalhos, que é parte do que a maioria almeja alcançar. A desvantagem das boas oportunidades internacionais é que o ativismo local fica nas mãos de líderes que estão começando e que não têm muita experiência em matéria de organizações. Esta preferência resta valor às experiências, vozes e opiniões locais, e como consequência é muito mais difícil que elas sejam ouvidas. Isto influi na criação das parcerias, já que às organizações nacionais fortes muitas vezes monopolizam as oportunidades internacionais e as organizações de base se tornam em aliados com menos experiência dentro da parceria. Além disto, os ativistas internacionais tendem a distanciar-se das comunidades e das problemáticas que elas representam. Um desafio chave é achar uma forma para garantir que sejam ouvidas as vozes dos ativistas locais que não querem necessariamente participar das reuniões de alto nível, e que preferem organizar as mobilizações. Como podemos garantir que as vozes locais sejam bem representadas por um par de ativistas internacionais, e que eles façam o seu trabalho de forma contundente?

Há alguns casos nos quais temos registrado certa desilusão a nível pessoal na hora em que aparecem as limitações do trabalho internacional:

*“Vi às pessoas chorando. Uma pessoa daqui alçou a sua voz, lutou contra a sua família e contra a sua comunidade e depois recebeu um convite para assistir e celebrar o Orgulho Gay pelos canais de Amsterdã. Depois de que as celebrações concluíram, a pessoa voltou pra casa, e não encontra nada”.*

(Juan Cruz Diez Beltrán, Argentina).

Além disto, do sentimento individual de abandono e de outros derivados, a questão evoca perguntas muito particulares sobre a influência das organizações doadoras. O poder de decisão econômico dos doadores determina quem será o “líder” visível, o que irá incidir com muita força na dinâmica do poder dentro dos movimentos. As organizações LGBTI já perceberam que isto não é uma novidade, e o mesmo já aconteceu também com os movimentos indígenas, de mulheres, etc.

Na medida em que mais dinheiro parece estar disponível para os temas e para as organizações LGBTI está surgindo um novo fenômeno. Estão aparecendo no mercado uma grande variedade de organizações que procuram qualificar para obter um contrato com algum doador. As organizações de maior tamanho podem apresentar qualquer tipo de experiência prática e colocar as suas propostas para obter os recursos, e o que fazem para isto é simplesmente comprar a experiência de que precisam. Temos observado que as grandes organizações LGBTI, assim como algumas organizações de desenvolvimento e consultoria, não demoram nada para criar um novo departamento ou unidade, na qual colocam o pessoal com o perfil necessário para conseguir os contratos. Esta situação complica a formação

de parcerias, porque o seu envolvimento é muito volátil. Além disso, fica muito mais difícil questionar o âmbito político de operação das ONGs.

## Parcerias para alcançar mudanças: âmbitos, atores, possibilidades e êxitos

As organizações LGBTI que constroem alianças ou formam parte de outras alianças entram imediatamente em um entorno complexo, no qual, dependendo do contexto, as organizações podem chegar a achar-se em situações fora do seu campo de ação e acabar em parcerias com grupos que não são afins, a ordem do dia talvez não inclua os temas prioritários da organização LGBTI, geralmente dependerão dos processos externos para marcar os tempos, e terão que alcançar o equilíbrio entre as necessidades da parceria e as necessidades da própria organização. É nestas circunstâncias que as organizações LGBTI vão se vinculando para marcar a diferença; estas são as realidades da promoção e da incidência política.

### Qual parceria e por quê?

O valor de qualquer parceria deve ser analisado e avaliado para poder determinar se tem chances de êxito e se vale a pena empreendê-la. Ainda assim, muito poucas organizações analisam e fiscalizam as suas parcerias sistematicamente. No entanto, o potencial das parcerias é muito atraente, já que permite às organizações LGBTI ter incidência nos debates chave, melhorar a sua posição política, ter maior proteção, melhorar o acesso e a alavancagem, recolher novos temas e propor outros. Daí a relevância de determinar, de forma explícita, qual é o propósito da parceria e se for parte dela que iniciativas propor e quais ir registrando.

O caso da Uganda coloca claramente as dificuldades que apresentam as parcerias. Depois de apresentar uma proposta de lei, o “Projeto de lei Anti-homossexual”, formou-se uma grande coalizão no país para protestar e para partir para a ação. Esta parceria convocou a organizações afins para mostrar o seu apoio dentro do país e em alguns outros do estrangeiro (Ver Quadro 2). Quando o governo do Reino Unido tomou a sua decisão e anunciou que iria eliminar a ajuda estrangeira aos governos que perseguissem homossexuais, formou-se outra parceria. A grande surpresa foi que esta parceria estava conformada por 52 organizações africanas LGBTI, que se reuniram para protestar contra o plano do Reino Unido (Ver quadro 3).

### Quadro 2: Parcerias protestam contra o Projeto de lei Anti-homossexualidade na Uganda

*Formou-se uma grande coalizão na Uganda para protestar contra o projeto de lei contra a homossexualidade em 2009, mesma que apresentou uma declaração ao Comitê Jurídico do Parlamento. A coalizão esteve formada por 31 organizações, organizações para os direitos da mulher, organizações sobre direitos humanos, organizações que trabalhavam na área da saúde e HIV/AIDS, organizações indígenas e até organizações de desenvolvimento e direitos<sup>50</sup>. O parlamentar David Bahati apresentou o seu projeto de lei contra a homossexualidade em 14 de outubro de 2009. Várias agências de notícias informaram que a proposta legislativa na Uganda fora originada por cristãos evangélicos americanos. Aprovou-se uma iniciativa especial para redigir a lei um mês depois de ter celebrado uma conferência de dois dias, na qual três cristãos americanos tinham afirmado que a homossexualidade era uma ameaça direta à coesão das famílias africanas.*

*O projeto de lei, o governo da Uganda e os evangélicos envolvidos no caso foram o foco de atenção da mídia internacional, assim como o alvo de críticas e condenações por parte de muitos governos ocidentais e por parte dos governos de outros países, alguns dos quais ameaçaram com retirar a ajuda financeira à Uganda. Em resposta a esta atenção, fez-se uma revisão para reduzir as penas máximas para os delitos mais graves a cadeia perpétua. Em maio de 2011, o parlamento fechou a sessão sem sequer votar o projeto; o debate só foi retomado em outubro de 2011.*

50. Para ler a declaração completa: [http://ugandans4rights.org/downloads/press/11\\_05\\_09\\_Final\\_Coalition\\_submission\\_to\\_Legal\\_committee\\_of\\_parliament.pdf](http://ugandans4rights.org/downloads/press/11_05_09_Final_Coalition_submission_to_Legal_committee_of_parliament.pdf).

## Parcerias com atores diferentes

As organizações LGBTI deram conta de várias experiências em parcerias com uma enorme variedade de atores, entre os quais podemos destacar:

- Pesquisadores: vários grupos identificaram as constantes diferenças de poder, especialmente quando eles interagem com grupos de pesquisa e com universidades. Alguns grupos LGBTI estão experimentando colaborações com pesquisadores para que o resultado de seus estudos possa outorgar mais poder às comunidades locais. Alguns países compartilham experiências positivas e até lucrativas para aquelas pessoas que se incorporam às equipes de pesquisa, ou que dão aulas.<sup>52</sup>
- Outros movimentos e/ou organizações (saúde, grupos de mulheres, organizações de direitos humanos).
- Governos locais e nacionais: as experiências anedóticas apresentam exemplos tanto positivos quando se trabalha conjuntamente com os governos locais, como por exemplo no Brasil, quanto negativos, devido à desarticulação, nos quais, depois de muitos anos de projetos bem-sucedidos para o HIV/AIDS ainda não chegaram a estabelecer contato com as instituições de saúde do governo.
- Doadores: as experiências foram muito positivas devido ao acesso aos recursos e aos contatos, assim como às experiências conseguidas graças às relações de poder.

A despeito do crescente poder dos grupos religiosos e das organizações antiLGBTI (especialmente os evangélicos), algumas organizações relataram experiências positivas com grupos religiosos locais:

*“Tivemos experiências positivas com um líder religioso em Quênia. Permitiu-nos falar aos seus paroquianos e obter mudanças de opinião tangíveis em campo”.*

(Anthony Adero, Ishtar HSH, Quênia).

### Quadro 3: Aliança LGBTI contra o governo do Reino Unido

**Em 2011, 52 organizações africanas e um grande número de pessoas assinaram uma declaração contra o governo britânico, em protesto ao seu plano de reduzir a ajuda estrangeira aos países que perseguissem homossexuais.**

Da declaração:<sup>51</sup>

*“Informou-se extensamente, a inícios do mês, que o governo britânico ameaçara com retirar a ajuda aos governos daqueles “países que perseguissem aos homossexuais”, a menos de que deixassem de punir às pessoas que têm relações com outras pessoas do mesmo sexo. Estas ameaças desencadearam decisões semelhantes entre um grupo de doadores contra países tais como a Uganda e Malawi. Embora a intenção talvez tenha sido proteger os direitos das pessoas LGBTI no continente, a decisão de retirar a ajuda passa por cima o papel do movimento LGBTI e do amplo movimento em favor da justiça social no continente, e gera o risco real de ocasionar um sério retrocesso quanto aos direitos das pessoas LGBTI”.*

#### **Em contrapartida, a parceria LGBTI pediu o seguinte:**

*“Com o objeto de exercer os direitos humanos das pessoas LGBTI na África, ativistas pela justiça social, assinantes deste documento, pedem ao governo britânico:*

- Revisar a sua decisão de retirar a ajuda aos países que não protejam os direitos das pessoas LGBTI.
- Estender a sua ajuda aos programas de base comunitária encabeçados por grupos LGBTI que estejam orientados a fomentar o diálogo e a tolerância.
- Apoiar mecanismos nacionais e regionais de direitos humanos para assegurar a inclusão dos temas LGBTI nos seus mandatos de proteção e promoção.
- Apoiar as iniciativas no sentido de que os temas LGTBI estejam aprofundados em temas mais amplos de justiça social, por meio do financiamento de projetos dirigidos pela comunidade e de caráter nacional”.

51. Declaração online: <http://awid.org/News-Analysis/Women-s-Rights-in-the-News2/Statement-of-African-Social-Justice-Activists-on-the-Threats-of-the-British-Government-to-Cut-Aid-to-African-Countries-that-Violate-the-Rights-of-LGBTI-People-in-Africa>.

52. De Vela, Tera e Ofreneo, Mira e Cabrera, Mario (Isis International) (2011) “Surfacing Lesbian, Bisexual Women and Transgendered People’s Issues in the Philippines: Towards Affinity Politics in Feminist Movements,” em Wieringa, Saskia (ed.) Women-Loving-Women in Africa and Asia: Trans/Sign Report of Research Findings, p. 391. <http://www.isiswomen.org/phocadownload/print/isispub/Women-Loving-Women.pdf#page=6>.

## Lutar pela “nossa comunidade”?

intermediárias são vistas como uma parte importante do movimento LGBTI e lutam em favor dos temas LGBTI, muitas vezes em matéria de saúde. Os defensores da comunidade tendem a ser valorizados como defensores que pertencem à comunidade LGBTI, e muitas vezes se assume que os defensores da comunidade fazem trabalho de base. As coisas se tornam ainda mais complexas quando as pessoas vinculam às organizações de base comunitária com as organizações compostas por membros<sup>53</sup> e/ou a uma comunidade com base no local (por exemplo, um povoado ou uma vizinhança). Entretanto, nem todas as organizações de base comunitária são organizações constituídas por membros.<sup>54</sup>

Esta complexidade mostra a luta em torno do desejo de contar com uma prestação de contas democrática e a representação dos grupos de interesse. As perguntas subjacentes são válidas (em nome de quem estamos falando? Por quê? Sob qual mandato?). E são parte de uma dinâmica de poder entre as organizações e entre as fases que as organizações transitam com o passar do tempo. Todas as organizações LGBTI precisam fazer-se perguntas deste tipo: De quem somos líderes e com quem estamos nos conectando? O fato de criar organizações e fazer parcerias acontece dentro de um contexto particular que deve ser considerado.

*“Criar uma comunidade é caro, e os doadores precisam de números. Na África do Sul os maiores doadores estão se afastando das ONGs, ao tempo que se aproximam do governo, para maximizar os seus esforços. As organizações LGBTI pequenas e de base comunitária perdem, e geralmente não têm poder de incidência perante os novos colaboradores e doadores. Algumas organizações que recebem financiamento não têm agenda de desenvolvimento, pelo que é muito mais difícil para os grupos de base comunitária fazer o seu trabalho para formar uma parceria. Algumas organizações passam por cima de grupos LGBTI local que já têm 10 anos de história, e se dedicam à educação dos pares em muito pouco tempo”.*

*(Dawie Nel, OUT Well-being, África do Sul)*

O uso da palavra “comunidade” reduz a realidade social de cada uma das sociedades. Somente a simples definição de comunidade, sobre quem pertence a ela e quem não, pode ser rebatida e elástica. No movimento LGBTI isto é ainda muito mais difícil de compreender, porque as identidades mutantes, fluidas, estratificadas, contraditórias, assim como os contextos opressivos, abalam os sentimentos e a experiência de pertença. Além da ênfase reduzida sobre uma organização com membros oficiais e de acesso restrito, os acadêmicos estão inclinando-se a descrever comunidades em termos de um ato e não em termos de articular as identidades e a definição de um “nós” coletivo.

A ênfase na ideia do afazer abre uma nova abordagem sobre as parcerias. A criação de parcerias pode ser feita mediante a articulação ou definição da injustiça ou do adversário, para posteriormente construir um “nós”

53. Uma organização constituída por membros é uma organização que está claramente definida por seus membros, como membros que pagam uma cota e que representam os interesses de seus afiliados. A hipótese (que nem sempre aplica na prática) é que os membros também determinarão a direção e as posições para a promoção dos membros da organização.

54. Para obter maiores detalhes sobre as diferentes organizações e a sua posição dentro dos movimentos sociais, veja: Batliwala, S. (2008) Changing Their World: Concepts and Practices of Women's Movements. Association for Women's Rights in Development. Veja: <http://www.awid.org/eng/About-AWID/AWID-News/Changing-Their-World>.

contextualizado e político.<sup>55</sup> Aceitar este tipo do “nós” significa também que este “nós” está em constante movimento, segundo o contexto e as diferentes lutas políticas. Um “nós político” requer de um posicionamento político. Para o movimento LGBTI isto é o mais relevante, já que não só está fazendo um esforço para mudar as políticas, mas também, e além disso, está orientado a transformação da sociedade e das relações sexuais e políticas que a sociedade conserva como as normas dominantes. O “nós” político também outorga aos grupos LGBTI a liberdade e a possibilidade de alinhar-se com outros nós, dentro de lutas mais amplas, como a liberação nacional, a democracia, os direitos da mulher, a saúde para todos e a luta sindical. Como sempre, o desafio está em achar o equilíbrio ótimo entre a atenção dos temas LGBTI e suas agendas, com os de uma agenda mais ampla.

### Os fatores que contribuem ao êxito

Como em todas as organizações, As organizações LGBTI têm tempo, energia e dinheiro limitados, e, portanto precisam investir em parcerias de êxito. Já que há muitas possibilidades, acaba sendo muito útil utilizar alguns indicadores que nos ajudem a decidir qual destas parcerias terá mais sucesso. Apesar das tantas definições diferentes de êxito, ainda é possível localizar alguns fatores que as organizações mesmas já identificaram como vitais. Alguns fatores tendem a melhorar a colaboração entre as organizações e os grupos, enquanto que outros fatores parecem fazer o contrário (veja o Quadro 4).

## Parcerias nas práticas das organizações

O que quer dizer criar parcerias no dia a dia das organizações LGBTI? Se uma organização deseja realizar parcerias ou usar a geração de parcerias de uma maneira mais estratégica, quais seriam os elementos que deveria considerar?

- As organizações LGBTI mudam, e portanto muda a sua motivação, vontade, posicionamento ou interesse para a geração destas parcerias. As organizações que têm sucesso sabem em que fase da organização se encontram, e se é a hora certa de gerar uma parceria, e ainda com quem. Podem pensar de maneira criativa sobre as vantagens

### Quadro 4: O que ajuda à colaboração e o que a freia?

**Resultados da pesquisa a respeito de alguns fatores que sustentam a interação entre as ONGs:**

- Confiança em si mesmo, particularmente em nível dos líderes: sem este “aglutinador” no topo, as ONGs não será possível manter vivos os vínculos entre as organizações com facilidade. Algumas ONGs identificaram que as primeiras conexões foram feitas com o pessoal principiante, ou com os membros comuns, como no caso dos sindicatos.
- Oportunidades e acontecimentos sócio-políticos específicos: as crises políticas locais ou nacionais muitas vezes impulsionam a interação.
- Forjar formas comuns de falar e de projetar os temas e os valores: a diversidade nesta área pode ocasionar problemas.
- Pragmatismo: uma divisão clara e complementar dos trabalhos, transparência e prontidão para reconhecer publicamente as contribuições e o esforço de todos.
- Incentivos para colaborar: estes devem ser conscientes, mas têm realmente menos a ver com as metas de curto prazo (como as campanhas bem sucedidas, por exemplo) que com os benefícios no longo prazo para cada organização (como por exemplo, a informação e a proteção que pode oferecer os grandes números).
- Estruturas informais: vínculos anteriores, escolas e outras parcerias que geram “laços de sangue” sociais que tendem a combinar e recombinar uma e outra vez o pessoal das ONGs.

As investigações também propõem também um grupo de fatores que podem colocar em risco a colaboração ou mesmo bloqueá-la de cheio. Os mais citados são:

- Diferenças irreconciliáveis na ideologia e nos objetivos da organização.
- Diferenças irreconciliáveis nos estilos de liderança que ocasionam problemas de transparência e falta de respeito e de confiança entre as partes.
- Concorrência entre as ONGs para obter recursos dos doadores; retirada dos recursos das atividades em colaboração.
- Medo de passar sem ser percebidos na presença dos outros, e como resultado perder a visibilidade e os meios para reclamar os próprios feitos<sup>56</sup>.

55. Mouffe, C. (2005) *The Return of the Political: Radical Thinkers*. London: Verso.

56. Dütting, Gisela e Sogge, David (2010) “The art of framing: Pushing NGO interaction”, em *The Broker* (edição de julho). Veja: <http://www.thebrokeronline.eu/Articles/The-art-of-framing>. Para acessar os relatórios a detalhe, veja: <http://www.hivos.net/Hivos-Knowledge-Programme/Themes/Civil-Society-Building/Publications/Synthesis-studies/Social-movements-and-NGO-interaction>.

e desvantagens de cada oportunidade política para que a organização se comprometa e possam ser definidas as metas, os objetivos estratégicos, o período de tempo, os recursos necessários e os critérios de supervisão e avaliação para cada parceria.

- As organizações LGBTI bem sucedidas são operadoras políticas com experiência, e têm boa reputação como organizações confiáveis. Com o objeto de ser um sócio de êxito em qualquer parceria, levam em conta a sua reputação e estão dispostos a fazer as ações necessárias para mantê-la.
- As organizações LGBTI entendem as possibilidades da criação de parcerias e da promoção nos níveis local, nacional e internacional, e estão a par do que requerem. Na prática, qualquer organização deverá escolher e balancear a sua participação nas parcerias que vão contra seus objetivos imediatos e contra suas obrigações como organizações. As organizações que aspiram a fazer um trabalho internacional geralmente são organizações formais, que ocupam um lugar muito importante no cenário nacional; investem em coalizões e redes internacionais, o que implica que dedicam pessoal (fiscalizado) e tempo a esta atividade.
- As organizações LGBTI estão posicionadas estrategicamente para pensar em termos muito amplos sobre o potencial das parcerias estratégicas e têm o potencial para pensar em vários grupos.

*“Eu coloco os pontos de vista dos usuários identificados de drogas e dos prisioneiros. Escuto problemas muito semelhantes”.*

*(Anke van Dam, Diretor de operações e programas, AIDS Foundation East-West (Fundação AIDS Leste-Oeste).*

*“Trabalho para uma coalizão de grupos socialmente excluídos, que inclui usuários de substâncias, migrantes, GLBT, trabalhadores sexuais, órfãos e outros meninos vulneráveis pelo HIV e a juventude em circunstâncias difíceis. Todos enfrentam a mesma problemática, como a vulnerabilidade, a exclusão social, os maus tratos por parte dos outros e leis horríveis, inúteis e antiquadas. Isto, portanto, nos dá uma agenda comum sobre a qual avançar juntos e fazer promoção unidos. Nem sempre é cordial, mas ao menos os números dão força e a força está em trabalhar unidos”.*

*(Ian McKnight, Diretor Executivo de Caribbean Vulnerable Communities Coalition (Coalizão de Comunidades Vulneráveis do Caribe, Jamaica).*

- As organizações LGBTI que alcançam o êxito dedicam muito tempo a articular os princípios mais abrangentes para gerar parcerias que incluam a não discriminação, os vínculos dentro da comunidade, para incluir os interesses das comunidades, o respeito, para evitar o enriquecimento, para prepara-se para prestar contas, etc.
- As organizações LGBTI precisam manter a conta das parcerias e documentar a sua própria história, incluso quando isto não for considerado como uma prioridade imediata do seu trabalho cotidiano de ativismo.



## Conclusão

As organizações LGBTI estão criando parcerias entre elas, além das fronteiras e entre os movimentos. A criação de parcerias depende de uma ampla variedade de fatores, além do contexto. As organizações LGBTI compartilham uma conclusão sobre a criação de parcerias: não existe um modelo único que possa ser aplicado a todas.

# Creando espacio

Em qualquer reunião de uma organização LGBTI na qual haja cinco pessoas:

- Uma é a sua melhor amiga
- Uma já foi a sua melhor amiga
- Uma é a sua última amante
- Uma é a sua amante em turno
- Uma será sua próxima amante.

É obvio que esta piada é velha e há muitos outros estereótipos como este sobre como funcionam, vivem, lutam, constroem, sofrem, se desenvolvem, crescem, acabam, incidem e celebram o nosso movimento e as nossas organizações. Mas como se desenvolvem as nossas organizações na situação atual? Em que tipo de cenário estamos trabalhando? Quais são os temas comuns e os aprendizados? Como podemos avançar?

Esta publicação, criada a partir da contribuição de profissionais em movimentos LGBTI e em desenvolvimento organizacional contribuem com respostas e pontos de vista que serão úteis e relevantes para qualquer pessoa que participe nas organizações LGBTI.

Criando o espaço está focado em seis áreas da criação de organizações identificadas como chave no desenvolvimento das organizações LGBTI:

- Vamos fazer a diferença: Como desenvolver e financiar as nossas estratégias organizacionais
- A liderança LGBTI
- A identidade LGBTI e o funcionamento dos grupos
- Dinâmicas das organizações LGBTI
- As parcerias e suas dinâmicas: organizações LGBTI que trabalham unidas para alcançar mudanças tangíveis
- Pessoas e organizações LGBTI em ambientes hostis



Para baixar o livro completo (artigos e charges) visite o site <http://creatingspacelgbti.wikispaces.com/portugues>. A presente edição está disponível em inglês, espanhol e português.

Esta Publicação e o processo editorial foram possíveis graças ao PSO, Desenvolvimento Institucional nos Países em Vias de Desenvolvimento e ao Ministério das Relações Exteriores.